

# pendular

AVISO

EDIÇÃO 1/4  
LISBOA-MADRID  
GRATUITO

Papel 100%  
reciclado

## DIREITO AO ABORTO EM PERIGO

É cada vez mais difícil exercer o direito à interrupção voluntária da gravidez. De acordo com a recente investigação internacional "Exporting Abortion", foram quase 8 mil as pessoas que abortaram num país europeu sem residirem nele, em 2023 - 02

## EM 2024 MORRERAM 10.457 PESSOAS QUE TENTAVAM CHEGAR A ESPANHA PELO MAR

A União Europeia fecha-se como uma fortaleza: ao invés de abrimos as fronteiras a quem procura asilo e outra vida, preferimos que essas milhares de pessoas simplesmente morram - 03



# TENTEMOS OUTRA VEZ

## PORQUE É TÃO DIFÍCIL COMEÇAR DO ZERO?

O verdadeiro desafio coloca-se: como atravessar o deserto sem ficarmos perdidos nele? Como atravessar a fantasia sem nos deixarmos ficar pelos oásis que aparecem pelo caminho que mais não são do que a própria ideologia em acção? - 05

## DE QUANDO O SEXO ERA SÓ UM

O sistema binário deve dar lugar a novas interpretações científicas que incluam todas as pessoas. Não é a natureza que muda, mas a nossa percepção dela - 04

## LINGUAGEM INCLUSIVA, SIM, MAS PARA QUEM?

Do que é que estamos a falar quando falamos em linguagem inclusiva?

A linguagem inclusiva é pensada sempre na relação que existe entre língua e género. É um erro pensar apenas nessa relação porque o certo é que agora nos comunicamos em muitas línguas - 06



# aviso pendular

Com tanto material audiovisual já a circular por tudo quanto é sítio, porquê mais um? A resposta, para quem quer tomar as rédeas do seu próprio destino, é mais fácil do que parece.

O nosso dia-a-dia não nos pertence por completo. Passamos horas e horas a trabalhar e outras tantas a tentar encaixar o que queremos com o que parecemos. Como desistir de pôr em prática a ideia de nos livrarmos destas regras em que vivemos? Ter uma educação formal, arranjar um bom emprego, casar, reproduzir a espécie: quando é vamos fazer estas e outras coisas porque realmente nos apetece? Desistir não vale a pena, realmente.

E como organizar a destruição da sociedade em que vivemos sem conversarmos um pouco antes? Não sabemos que forma terá a nossa emancipação, nem sequer temos a certeza de que ela terá lugar algum dia. Mas, da mesma forma, deixamos essa possibilidade em aberto. Talvez algum dia deixemos de ter que trabalhar horas a fio para poder comer, alugar uma casa e passar uns dias de férias algures, se der. Talvez algum dia chegue o momento em que cada qual será livre de fazer o que bem entende com a sua própria vida, sem que isso incomode quem quer que seja. E, para isso, precisamos de falar, trocar umas ideias. Talvez?

A nossa emancipação, se a alcançarmos algum dia, destas vidas que temos que não são bem nossas, será obra das nossas próprias mãos. Não vai depender de mais ninguém nem de nenhuma cartilha. O que esperamos é que apareça uma multidão de forças, mesmo que assumidamente pequenas como a nossa, nesta vontade de pôr a conversa em dia. Esta vamos tê-la numa terra comum, a península ibérica. É aqui que vivemos e agora que nos apetece conversar. Mas podia ser em qualquer lado e noutra momento qualquer!

## EM 2024 MORRERAM 10.457 PESSOAS QUE TENTAVAM CHEGAR A ESPANHA PELO MAR

De acordo com a organização de defesa dos direitos das pessoas migrantes Caminando Fronteras, morreram 10.457 pessoas que tentavam chegar à costa espanhola, em 2024 apenas. Dessas, 9.757 morreram na rota do Atlântico, que ainda não deixou de ser um banho de sangue, séculos depois do início da escravatura moderna. A União Europeia fecha-se como uma fortaleza: ao invés de abrimos as fronteiras a quem procura asilo e outra vida, preferimos que essas milhares de pessoas simplesmente morram diante dos nossos olhos e inércia.

Os governos europeus, sejam de esquerda ou de direita, apoiam estas políticas da morte. A UE orçamentou 11.5 mil milhões de euros, entre 2021 e 2027, para a FRONTEX, a

Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira. Esta agência controla mais de 200 centros de detenção dentro das fronteiras da UE mas também faz acordos com os governos de vários países africanos e asiáticos, complacentes com a política racista da UE.

Destas 10.457 mortes, não sabemos os nomes mas sabemos os países de origem: Argélia, Bangladesh, Burundi, Burkina Faso, Camarões, Comores, República Democrática do Congo, Egito, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Iraque, Mali, Mauritânia, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Senegal, Serra Leoa, Somália, Sudão, Síria, Tunísia e Iémen. Porque não acolher seres humanos, sejam eles donde forem?

---

## DIREITO AO ABORTO EM PERIGO

É cada vez mais difícil exercer o direito à interrupção voluntária da gravidez. De acordo com a recente investigação internacional "Exporting Abortion", foram quase 8 mil as pessoas que abortaram num país europeu sem residirem nele, em 2023. Dessas quase 8 mil, mais de 5 mil eram residentes europeias. O aborto pode ser ilegal nos seus países de origem mas há outra razão mais perversa: não está disponível nas suas regiões, mesmo que a legislação nacional o permita, porque vários centros médicos se recusam a praticá-la, muitas vezes por simples decisão do director.

Em Espanha, por exemplo, cerca de 85% dos abortos são realizados no privado, por falta de opção no serviço público. Isto faz com que a qualidade do serviço seja menor e que muitas vezes tenha que ser paga, dada a espera provocada pelo serviço público. O caso mais paradigmático é o da região da Estremadura, onde a única opção para abortar é uma clínica privada em Badajoz, a clínica Guadiana.

Não é por acaso que, precisamente nessa região, sejam registadas cada vez mais

interrupções voluntárias da gravidez realizadas por residentes em Portugal, país onde um terço dos hospitais públicos também não faz interrupções voluntárias de gravidez, especialmente em regiões com centros urbanos mais pequenos e do interior, fronteiriças com Espanha.

Os números oficiais parecem confirmar este dado: no relatório anual disponibilizado pelo Ministério da Saúde espanhol, assinalaram-se 1171 abortos realizados por não-residentes provenientes da União Europeia, no ano de 2023 (ainda não existem dados definitivos para o ano de 2024). Em Espanha, o limite temporal para realizar um aborto situa-se nas 14 semanas de gravidez. Em Portugal, por outro lado, esse limite é de 10 semanas, mas em França é de 16 semanas. As condições são também diferentes de país para país.

Não faria mais sentido aumentar o limite em todos estes territórios e assegurar que existe um verdadeiro acesso a uma saúde pública feminista em todas as regiões do globo? Nunca foi tão importante como agora reforçar o movimento feminista a nível internacional.

# O DIREITO A NÃO TER NASCIDO

Abel Azcona foi abandonado à nascença pela mãe, Isabel Gómez Aranda, na clínica onde o deu à luz, por incapacidade para o criar e falta de apoios. No passado dia 1 de abril, dia do seu 37º aniversário, conheceram-se através de uma performance no Círculo de Belas Artes de Madrid, durante a qual estiveram uma hora em silêncio, de mãos dadas.

O reencontro, que segundo Azcona não foi "com a mãe que me abandonou", mas sim "com aquela que me veio buscar", centrou a atenção na violência patriarcal sofrida por ambos, que a obrigou a parir após várias tentativas de aborto, sem desejo nem condições para o fazer, e a ele a nascer, destinando-o a uma vida de abandono, abuso e solidão.

A performance foi um ato de resistência contra a violência estrutural do sistema patriarcal, pois "o abandono de Abel não é apenas uma decisão individual, mas sim uma consequência de um sistema que atira as mulheres para uma vulnerabilidade extrema", segundo a curadora Semíramis González. Este sistema afecta também a infância e os corpos masculinos que crescem "na fragilidade de uma sociedade onde o masculino tóxico é a norma".

A obra artística de Azcona reflete frequentemente sobre o direito a não nascer e o aborto como "uma medida de proteção da infância", como o próprio afirma, tendo já por diversas vezes declarado desejar não ter nascido.

# CENTENAS DE MILHARES DE CONTRIBUINTES SEM DIREITO AO VOTO

No dia 18 de maio realizar-se-ão eleições legislativas em Portugal. Eleger-se-ão 230 representantes à Assembleia da República, que terão o poder de decidir os destinos do país, incluindo os Orçamentos do Estado. Estes Orçamentos são financiados com o dinheiro de cada contribuinte, a esmagadora maioria vivendo apenas do seu trabalho. Um dos pilares das democracias liberais funda-se numa ideia: nenhuma taxação sem representação. Quer isto dizer que o Estado tem o direito a cobrar impostos se, por sua vez, garantir o direito à representação de quem é taxado.

Ainda assim, existem centenas de milhares de contribuintes sem direito ao voto. Segundo dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), em 2023 viviam em Portugal cerca de um milhão de pessoas imigrantes.

Dessas, pouco menos de um terço tem nacionalidade brasileira e por isso tem direito ao voto em Portugal. Isto quer dizer que, mesmo a partir duma estimativa muito conservadora, são mais de seiscentos mil residentes e contribuintes que não podem votar, que não têm permissão para falar e decidir o seu futuro.

Servem as pessoas imigrantes só para aumentar os cofres da Segurança Social ou são pessoas por inteiro, com direito a participar na vida política da sua comunidade? A reivindicação do sufrágio universal que inclua as pessoas imigrantes deve ser prioritária em qualquer país, por ser justa e democrática. Mas sobre isto as televisões e as campanhas partidárias não dizem nada!

# GUERRA? NÃO, OBRIGADO!

Estados Unidos da América, China, Rússia, Índia, União Europeia, etc... Todas as grandes potências estão a comprar e/ou a produzir armas a um ritmo acentuado. O gasto militar a nível mundial chegou agora aos 2,46 biliões de dólares (1 bilião tem doze zeros...), de acordo com o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos. Que negócio!

Esta escalada foi muito evidente na primeira década do século XXI, apesar do fim da Guerra Fria e da hegemonia dos Estados Unidos da América; e voltou em força a partir de 2017, num mundo mais dividido entre várias potências. Tenha o mundo uma, duas ou várias potências, qualquer desculpa serve aos senhores da guerra para o aumento do gasto militar. É por esta razão que cada vez mais se fala nas televisões e nos jornais na possibilidade de uma guerra inter-continental ou mundial.

Quem será a carne para os canhões destas guerras? Os filhos dos pobres, como sempre.

Existe, no entanto, uma ferramenta disponível: a objeção de consciência ao serviço militar. Esta está consagrada na lei e pode ser requerida por motivos de consciência em razão de uma convicção de ordem religiosa, ética, moral, humanitária e/ou filosófica. Não poderão obrigar a combater nem a pegar em armas quem pedir a objeção de consciência. Está, portanto, nas nossas mãos exercer este direito e dizer, a alto e bom som: guerra? Não, obrigado!

Rojelia y Tito Detrito



Känmo

A nenhuma pessoa do século XVI lhe estranharia, ao ver a imagem reproduzida neste texto, saber que é um útero. É isso que representa, pois foi utilizada na obra *De humani corporis fabrica* do médico Andreas Vesalius, publicada em 1543, para representar o aparelho reprodutor das mulheres. Desde a Antiguidade e até ao século XVIII, uma das principais interpretações científicas sobre a sexualidade humana baseou-se na existência de um único sexo que apresentava uma única diferença: nos homens os genitais saíam para fora do corpo e nas mulheres esses mesmos genitais encontravam-se dentro. O sexólogo Thomas Laqueur, no seu livro *A Construção do Sexo*, chamou a isto o modelo de sexo único.

A explicação científica baseou-se na teoria dos humores, que relacionava os elementos fogo, água, terra e ar com as qualidades de quente, húmido, seco e frio. Nos corpos humanos, considerava-se que estes elementos se encontravam nos humores, que eram o sangue, a bílis negra, a bílis amarela e a fleuma. A distinta combinação destes determinava a personalidade, que podia ser sanguínea, melancólica, colérica ou fleumática.

Acreditava-se que os homens eram mais quentes e secos do que as mulheres. Durante a concepção, o calor fazia com que os seus genitais fossem expulsos para o exterior, enquanto que a falta daquele calor nas mulheres fazia com que os genitais não se desenvolvessem o suficiente para sair até fora, ficando no interior. O médico grego Galeno explicava na sua obra *Do Uso das Partes* que “todas as partes que os homens têm, as mulheres também as têm, e entre eles há apenas uma diferença [...], que as partes das mulheres estão dentro enquanto que as dos homens estão fora”. Esta visão refletiu-se na representação do útero na obra de Vesalius.

Dado que o desenvolvimento do aparelho reprodutor se atribuía ao calor, uma presença ou ausência repentina deste podia provocar que as pessoas transitassem de um sexo para outro. O médico espanhol Juan Huarte de San Juan, no seu livro *Exame de Engenheiros*, publicado em 1640, afirmou que “muitas vezes a natureza fez uma fêmea e [...] ao sobrevir aos membros genitais uma cópia de calor, por alguma razão, estes saíram para fora, e assim ficou feito varão”, tal como “muitas vezes tem a natureza feito um varão, com os seus membros genitais para fora, e ao sobrevir-lhe frialdade, estes voltaram para dentro, e ficou feita fêmea”. Um século antes, em 1543, o cirurgião francês

# DE QUANDO O SEXO ERA SÓ UM

Ambroise Paré narrava, na sua obra *Monstros e Prodígios*, o caso de uma jovem chamada Maria Petaca, a quem “lhe saiu um membro viril, que estava oculto dentro, e assim passou de fêmea a macho”, e também o de “um homem [...] que [...] se tinha considerado mulher até aos catorze anos”, mas que um dia “as suas partes genitais de homem se desenvolveram”.

Assim, durante séculos considerou-se que a masculinidade e a feminilidade derivavam do calor, frialdade, secura ou humidade que apresentasse cada corpo. Esta interpretação teve um fundamento e uma explicação científica e não foi nem mais nem menos correta do que as teorias atuais, nem estas o serão em relação às que surjam no futuro, na medida em que todas respondem ao conhecimento que se tem em cada momento. As interpretações da sexualidade humana respondem às necessidades sociais de cada momento, servindo para sustentar as diferenças sociais e de género existentes.

A ciência é influenciada pelas relações sociais e pela perspectiva das pessoas que a desenvolvem. Durante muitos séculos, a investigação científica foi liderada maioritariamente por homens, de forma que as conclusões a que chegaram têm estado determinadas pelas suas realidades específicas. A ciência deve ser compreendida como consequência do estado do conhecimento em cada momento e não como um saber ou verdade universal, pois, se fosse universal, nunca mudaria e seria sempre aplicável a qualquer sujeito.

O sistema de sexo único foi substituído quando deixou de ser útil para explicar o mundo, dando passo ao modelo binário de sexo-género que já estava implantado no século XVIII e que continua vigente na atualidade. Este toma como verdade universal a existência de dois sexos opostos que se correspondem a dois géneros numa associação que se proclama como natural e que trata as exceções como anomalias. Mas como é que ia ser uma verdade universal se há menos de 300 anos se pensava de modo diferente? As “exceções que confirmam a regra” não deveriam formar parte da própria regra? Porquê excluir algo que existe e não ajustar-se à interpretação que se



faz desta, em lugar de procurar uma interpretação que o inclua, dado que existe?

A explicação da sexualidade humana antes do século XVIII convida-nos a reconsiderar as categorizações atuais. Considerar antinatural qualquer realidade que escape à norma é reflexo duma enorme falta de jeito e duma profunda ignorância sobre a natureza, a construção da ciência e o sistema sexo-género, pois ignora que, nos mais de 300.000 anos de existência dos *homo sapiens*, houve diversas formas de ver o mundo. Tal como o modelo de sexo único se tornou obsoleto, o sistema binário deve dar lugar a novas interpretações científicas que incluam todas as pessoas que não encontram um lugar numa teoria que também deixou de dar resposta às nossas necessidades. Não é a natureza que muda, mas a nossa percepção dela.

# TENTEMOS

# OUTRA VEZ

Porque é tão difícil começar do zero? Existe um conforto em tentar explicar o mundo com os livros que lemos ontem. Passa-se a responsabilidade para um passado longínquo de grandes pensadores a preto e branco. Mas essa tarefa também é nossa. Também nós temos de assumir o papel de construir as ferramentas que melhor respondem aos antagonismos do nosso tempo. É através da reconstrução das categorias que conseguimos redimir os erros cometidos nas tentativas anteriores. Jacques Lacan falava da cura psicanalítica como o ponto de chegada depois de “atravessada a fantasia”. O próprio Lacan fazia o paralelo entre a compreensão do inconsciente como antagonismo Real, o pináculo do processo de interpretação dos sonhos, e a crítica marxista da ideologia, a análise sintomática dos mecanismos do capitalismo. Começamos, então, por aí.

Na nossa ideologia neoliberal, pós-moderna, desinteressada, cínica, tecnocrata, não pode haver espaço para a entrega comprometida. É precisamente aí que reside o nó górdio: ficar para sempre no limbo da (in)decisão racional, sem nunca exercer a liberdade de seguir um caminho até ao fim nem assumir as últimas consequências. Ou mesmo que se siga, é facilmente reversível caso um arrependimento de última hora nos faça virar para o lado contrário. O próprio rebobinar é hoje um serviço à disposição, isto quando não está já incluído no preço inicial. Tudo pode ser

transacionado e revertido: tornámo-nos empreendedores do nosso Eu, em constante atualização e sempre prontos a seguir o novo nicho. Constrói-se a identidade através do mercado diário de máscaras geradas por algoritmos. A fluidez encaixa bem na transação. É a vitória final do homo-economicus. Para gaudium de muitos, ser de esquerda resume-se cada vez mais a comprar a marca certa.

Não será o confronto com este paradigma um dos passos necessários da tal travessia do deserto pelas ilusões da fantasia ideológica? Não será mesmo este o momento em que temos de beber a coca-cola para ver que já não está fresca? A compreensão dos antagonismos inerentes a esta forma de vida traz necessariamente a perda do seu poder de encanto. É, portanto, fundamental reconhecer esse passo.

Reconhecer a importância de cada um viver o vazio da reificação plástica na construção de si próprio. O reconhecimento deste vazio implica um confronto violento com os nossos desejos – com a sua forma, o seu objecto e a nossa imaginação. Tornarmo-nos livres dói. A rejeição por decreto ou, nos piores casos, a proibição, só levam ao reforço da jouissance, remetem-nos para um paradigma Mestre-Escravo e ilude-nos com a liberdade de escolha como o fim último da existência. Precisamos mesmo de percorrer o corredor

inteiro do supermercado para chegar ao fim e perceber que não era ali. Precisamos de sentir que “afinal não era isto”.

O verdadeiro desafio coloca-se: como atravessar o deserto sem ficarmos perdidos nele? Como atravessar a fantasia sem nos deixarmos ficar pelos oásis que aparecem pelo caminho que mais não são do que a própria ideologia em acção? A verdadeira armadilha reside na forma como imaginamos sair dela. É aí que os grilhões são impiedosos e aniquilam qualquer tentativa de mudar as regras do jogo.

Para que tal não aconteça, recuperar a noção de compromisso é fundamental. Ao adoptarmos uma postura de fidelidade, de sujeitos implicados com uma verdade e de recusa da fluidez narcisista, somos capazes de rejeitar o principal instrumento ideológico de opressão: o desapego. Recuperando o sentido político de unificação das lutas num antagonismo comum, somos capazes de dar um passo em frente na construção de um mapa político inclusivo e verdadeiramente subversivo. Rejeitando o desinteresse cínico, estamos mais perto de não nos deixarmos iludir por soluções modernas e inovadoras. Não precisamos de disrupção vinda de investidores com pele de anjo. Partindo de uma entrega a uma verdadeira transformação da forma de estar, de pensar, de agir, podemos construir soluções que recusem as falsas opções contemporâneas e que não caiam nos cantos de sereia liberais.

Enfrentemos os falhanços do socialismo real, bebamos a coca-cola até ao fim e sigamos deserto a dentro.

Ricardo N. Henriques

# ENTRAVE

Tenho medo. É noite, estou sozinha em um país que não é o meu. Uma sensação de ansiedade quer tomar conta do meu corpo. Não fecho os olhos, mas de dentro da minha cabeça vejo meu corpo em espasmos de ansiedade. Movimentos sem começo ou fim agitam o meu ser para além da minha mente. Lembro da cicatriz no meio do meu torso e de como quero cada vez mais me afastar da mulher que a fez, mas ainda sinto como se a ansiedade beirasse a minha porta e quisesse novamente esconder-se em meio a um caos que desejo suprimir.

Quando penso, penso longe. Não consigo me aproximar de mim para atender minhas necessidades e conciliar o meu eu lírico ao meu eu presente nessa realidade. Quando

não penso, sou só vazio e contemplação. Sou o ar lento e suave movendo as folhas das árvores em noites calmas e silenciosas. Sempre soube que há duas de mim. Sempre souberam que há duas de mim. Sempre foi discórdia.

Tenho medo. E receio. Tenho vontade de chorar um choro de criança que não sabe onde está.

Sinto que preciso de companhia mas que a que preciso é indomável demais para estar aqui comigo agora. Ainda não sei como convencer-me a estar presente sem provocar destruição e sentir plenitude no que ainda é confusão.

Quero amigos, quero amor. Quero ser capaz de me alegrar em outros seres e de dividir a contemplação.

Sinto que cheguei até aqui pela benção do acaso que não me deixou destruir tudo. TUDO.

Pelo milagre, eu sobrevivi, por mim viverei.

Tenho medo porque não sei ser. Vivi em maior grau não querendo viver. Quando pude morrer, decidi viver, mas ainda não sei ser.

Não há um final, uma lição de moral, uma frase de incentivo.

Estou no meio do caminho desta vida.

Perdida.

Há esperança.

Brunna Lopes

# LINGUAGEM INCLUSIVA, SIM, MAS PARA QUEM?

A linguagem inclusiva é pensada sempre na relação que existe entre língua e género. É um erro pensar apenas nessa relação porque o certo é que agora nos comunicamos em muitas línguas. Não existe grande controvérsia em dizer, portanto, que quando escrevemos, falamos ou gesticulamos numa certa língua estamos automaticamente a excluir quem não a percebe. Para falar de linguagem inclusiva há que ter em conta, então, algo aparentemente muito simples: não existe, agora, nenhuma língua que seja comum a toda a espécie. Vai haver sempre alguém que fica em risco de exclusão, ou por não falar a língua em questão ou por não a entender totalmente. Dito de forma mais directa: eu posso usar linguagem inclusiva, no que ao género diz respeito, em português. Mas quem não fale português não vai perceber nada do que eu disser, seja inclusivo ou não: essa pessoa, que não percebe português, está, logo à partida, excluída da conversa. A minha proposta é que incluamos a questão da multiplicidade das línguas que hoje existem quando falamos de linguagem inclusiva.

O certo é que pessoas que falam línguas diferentes, e tenham necessidade de falar entre si, costumam desenvolver estratégias de comunicação comuns. Uma delas é o uso de uma língua franca. O inglês como língua franca é usado, precisamente, para incluir mais gente.

O seu uso pode ser considerado como inclusivo. Mas claro: para entender e fazer-se

entender numa língua estrangeira é preciso aprendê-la, o que invariavelmente significa uma vantagem para quem tem uma posição de classe mais privilegiada, que concretamente pode ir do acesso a aulas particulares até à possibilidade de viajar. Além disso, um desenvolvimento saudável do intelecto está relacionado com a capacidade, e possibilidade, de pensarmos e expressar-nos na nossa língua.

Como funcionam, então, as nossas escolas? Um importante exemplo são as Escolas Europeias, geridas directamente pela União Europeia e baseadas neste princípio: quem vai trabalhar para uma qualquer instituição europeia tem direito a ver a sua descendência ser educada na sua própria língua. É por isso que existem 23 Escolas Europeias espalhadas por vários países, que garantem isso mesmo. Enquanto se tenta proteger, a todo o custo (literalmente), a velha e honrada Europa da bárbara invasão imigrante, os mesmos Estados-nação que não garantem um ensino à comunidade imigrante na sua língua reconhecem a importância da língua para cada povo. É para rir ou chorar?

Porque razão, então, não defendemos este modelo para a escola pública? Quem é imigrante não têm o direito a, no mínimo dos mínimos, aprender a sua própria língua? Não terá direito a aprender matemática e filosofia na sua própria língua, pelo menos!? Do que é que estamos a falar quando falamos em



Torre de Babel, imagem gerada por IA

linguagem inclusiva? Porque razão não se pode frequentar a escola pública na língua que seja? E o que é que os sindicatos de professores têm a dizer sobre isto? Nada! Não podemos acreditar que o problema da nossa educação passe apenas e só pelo financiamento dado pela graça do Estado-Pai.

São as mudanças na sociedade que provocam mudanças na língua mas, ao mesmo tempo, as mudanças na língua (incluindo a relação que temos com a própria língua e as diferentes línguas) também podem mudar a sociedade. É por mudarmos o mundo que nos comunicamos de forma diferente. É esse movimento que muda a língua - e quando a língua muda, muda também a maneira como vemos o mundo, muda o nosso mundo, claro, porque cada língua é um mundo!

A. Duarte

## O FUTURO ESTÁ NAS COSTAS E O PASSADO NA NOSSA FRENTE

O futuro está nas costas e o passado na nossa frente, diriam no linguajar moderno de hoje, os Antigos da Antiguidade clássica, na sua sabedoria incalável.

A razão de assim ser, constataram, é que o futuro é nos desconhecido, chegamos a ele andando e tateando de costas, ou, dito de outro modo, andamos em direcção a ele de costas e é assim que o vamos desvendando.

Já o passado, que se torna presente, está à nossa frente: já o atravessamos, trazemo-lo connosco, está em nós.

E porque somos os que esquecem, se esquecem, às vezes, não poucas, é preciso convocar o passado presente, que de algum modo enuncia o futuro porvir.

Nos fascículos que se seguem, parte deste pêndulo andarà na senda deste entrelaçar entre estes dois tempos e modos, invitando a dimensão das suas (des)continuidades e possibilidade para que o espanto do agora e o que há-de vir, seja o espanto do mundo novo possível.

Carlos Rafael Teixeira

## MORRER DE PÉ

Têm umas expectativas muito más dos ciganos, coisa que não é assim, somos pessoas iguais aos de outra etnia, gostamos de lutar pelos nossos filhos e famílias, para lhes poder dar um futuro melhor, somos trabalhadores, respeitosos e amigos dos nossos amigos, as pessoas mudariam a sua opinião se convivessem mais connosco e vissem como realmente somos. E como disse o cantor Jeros: Para morrer de joelhos, prefiro morrer de pé. Saúde e liberdade 🌱

Alfredo

# ÉS DONDE?

Sempre que me perguntam de onde sou, saí-me responder com uma mistura entre orgulhosa, melancólica e agridoce: "Soy andaluza, soy de Cádi".

E como se de um gambozino albino se tratasse, as pessoas que se interessaram em adivinhar de onde sou costumam dizer: - "Wow, que sorte!"

O que é a sorte? Eu sempre disse que se tivesse um superpoder, seria a sorte. A sorte é que tudo corra bem. É caíres de rabo no chão e encontrares uma nota de 50 paus. É ter sempre a liberdade de escolher um caminho e não falhar na tentativa. A sorte é ter a consciência tranquila porque os teus

passos serão magicamente guiados para a vitória (a Nike não protagoniza esta campanha).

Sorte é não ter de emigrar porque na tua terra (aquela onde os senhoritos de Despeñaperros pa cima nos olham como se fôssemos Pokémon lendários) não há pão, poder e sorte.

A Andaluzia nunca teve sorte.

O sotaque, a nossa pátria, também não. Que sorte aquela tem quem não precisa de mudar a sua maneira de falar pa se encaixar e, mesmo que nos recusemos a modificá-la, sempre nos encontraremos com esse olhar

de: -"Tu não és daqui, eh?"

Que sorte ter a tua mãe pertinho e a tua avó a desfiar a carne do puchero.

Que sorte quando a tua amiga te apanha à porta de casa para dar um giro pela praia, mas despacha-te qué preciso ajudar a pôr a mesa.

Que sorte sentires-te que estás em casa, olhar o entardecer e saber que amanhã o voltarás a ver do mesmo ponto cardeal.

Quem me dera a mim ter essa sorte.

Marieta Linares Montero

## AS MENINAS



# CONFISSÕES

## PRIMEIRA PARTE

Dos montes ondulantes não se avistava uma alma. Salvo o tímido murmúrio de um riacho, reinava o silêncio da província. Por vezes ouvia-se um tiro de caça, longínquo, que logo morria na distância. Horas antes, a densa vegetação dos montes vira-se penteada pelo orvalho e nevoeiro. Agora, sentiam-se os potentes raios de sol que deslizavam do céu, quebravam o frio e vinham pousar sobre as vinhas.

Num dos montes mais baixos ficava uma igreja dum branco gasto e rodeada de vegetação transmontana: o típico mato silvestre, álamos, carrascos, estevas, e algumas amoreiras ali plantadas. A igreja, minúscula comparada com as rivais das metrópoles, assentava discreta e harmoniosamente entre as verdes plantas que a acolhiam. De perto, viam-se-lhe os coloridos vitrais compostos de traços simples. Por dentro era modesta, e o que mais se notava era o contraste dos bancos castanhos sobre a pedra acinzentada. A fraca luz que penetrava os vitrais perfumava o ar com uma promessa primaveril. O inverno, teimoso, começava por fim a levantar o seu cerco.

Num dos bancos da igreja sentava-se um rapaz de uns vinte e poucos anos. Pálido, de cabelo escuro e pouco cuidado, vestido com um casaco de fato escuro e deteriorado; a única alma ali presente naquela manhã. Fazia frio dentro da igreja, talvez mais do que fora desta – uma sensação dum registo familiar para quem conhece o inverno português –, e do rapaz, de ar febril, soltavam-se-lhe uns calafrios. Parecia haver algo de resolutivo naquele olhar quase vazio que emitia, olhar esse que ora se fixava no chão, ora ascendia à pequena cúpula da igreja.

A dada altura foi este vaivém interrompido quando o rapaz sentiu um movimento vindo do fundo da igreja. Era o padre Jerónimo. O rapaz, acordado por aquela presença súbita, esperou que o dono da casa se aproximasse. Seguindo os leves passos do padre que vinha na sua direção, avistou por fim os olhos claros que enfeitavam a cara fina daquele homem, assim como o majestoso adorno de farrapos eclesiásticos que carregava.

— Bom dia, senhor padre — soltou o rapaz em voz baixa.

...a continuar no próximo número.

Daniel Torres Pacheco

## RECEITA

### ALHO-FRANCÊS À BRÁS

INGREDIENTES para 2 pessoas:

1 cebola  
3 dentes de alho  
45 ml de azeite  
250 g de alho-francês sem rama  
4 ovos médios  
150 g de batata-palha  
Sal e pimenta-preta q.b.  
2 colheres de sopa de salsa picada  
3 colheres de sopa de azeitonas galegas

#### PROCEDIMENTO

1. Levar ao lume o azeite com a cebola e os dentes de alho picados. Deixar frigir um pouco.
2. Adicionar o alho-francês cortado em rodela e deixar refogar até estar bem macio.
3. Juntar a batata-palha e mexer. Regar com os ovos previamente batidos e temperados com sal e pimenta. Mexer.
4. Assim que o ovo estiver cozido, mas húmido, retirar do lume.
5. Polvilhar com a salsa picada, decorar com as azeitonas e servir.

